

## Laboratório global da direita

**[RESUMO]** Reportagem de jornalista em viagem à Hungria expõe estratégia do primeiro-ministro do país, Viktor Orbán, que investiu milhões de dólares para fortalecer institutos conservadores e atrair pesquisadores estrangeiros, buscando aumentar sua influência entre a direita global. O líder populista esteve na posse de Jair Bolsonaro e mantém relações com o ex-presidente

Por Ana Luiza Albuquerque

Repórter de Política na Folha e mestre em jornalismo político pela Universidade Columbia

Para criar um Estado conservador de sucesso, são necessários vários ingredientes. Tinha sua própria mídia. Não esqueça de ler todos os dias. Tinha fé. Faça amigos. Construa instituições. Esses são alguns dos itens da receita do primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán. No quarto mandato consecutivo, ele tem se esforçado para dividi-la com o mundo.

"A Hungria foi o laboratório no qual testamos o antídoto contra os progressistas", disse Orbán em maio de 2022 a uma audiência de políticos, influenciadores e jornalistas de direita, húngaros e americanos. Depois de 48 anos de atividade nos Estados Unidos, a CPAC (Conferência de Ação Política Conservadora), o maior evento do tipo no mundo, tinha chegado à Europa pela primeira vez. Mais precisamente, em Budapeste. Em um discurso de meia hora, o primeiro-ministro listou 12 conselhos que governos conservadores deveriam seguir.

Três meses depois, Orbán voltou a falar na CPAC — dessa vez, no Texas, onde foi aplaudido de pé por uma audiência de ativistas e políticos republicanos. Em determinado momento, o primeiro-ministro mencionou a estranheza de ter sua presença solicitada "pelos conservadores mais notáveis dos Estados Unidos".

"Eu estava me perguntando nas últimas duas semanas o que vocês gostariam de ouvir de mim", Orbán disse, acrescentando que a Hungria estava longe de ser um poder global. "Os EUA são o poder global. Os seus líderes deveriam estar fazendo um discurso inaugural nas nossas conferências na Hungria".

Ele tinha um ponto. E realmente atípico que a política húngara tenha se tornado uma referência para conservadores em todo o mundo, dos republicanos à família Bolsonaro. Como um país pós-comunista de 12 milhões de habitantes se transformou em um modelo para a direita global? Em dezembro de 2022, foi a Budapeste para entender.

No dia 21 daquele mês, encontrei no centro da cidade László Bodrogi, chefe de gabinete do diretor político de Orbán — uma espécie de conselheiro. Depois de um cigarro, um pouco de conversa fiada e uma tentativa fracassada de pronunciar seu nome em húngaro, subimos para o escritório. "A gente sabe como ganhar as eleições e como derrotar a agenda da esquerda. Queremos construir uma espécie de hub de conhecimento político", ele disse. Para isso, o governo húngaro tem investido milhares de dólares em instituições e think tanks conservadores.

Uma delas, a MCC (Matthias Corvinus Collegium), recebeu mais de US\$ 1,5 bilhão, segundo o Atlas, um veículo de jornalismo investigativo. Em 2022, a instituição inaugurou um braço em Bruxelas, onde fica o Parlamento Europeu. A novidade foi vista como um movimento para desafiar os valores liberais da União Europeia, organismo com o qual Orbán frequentemente entra em conflito diante de acusações de crise na democracia húngara.

Opositores, jornalistas e institutos que medem a qualidade das democracias fazem alertas. Eles afirmam que Orbán minou a independência do Judiciário, tomou conta do mercado da mídia, sufocou ONGs e universidades, aprovou leis contra minorias, como a comunidade LGBTQIA+ e os imigrantes, e redefiniu distritos eleitorais para favorecer o Fidesz, seu partido.

Gracias a um sistema eleitoral bastante desproporcional, anterior à administração atual, o primeiro-ministro vem governando desde 2010 com uma maioria absoluta. Naquele ano, o Fidesz conseguiu 57% dos votos, o que se traduziu em 68% dos assentos no Parlamento. Foi o suficiente para passar a tocha de caixa uma nova Constituição que endureceu o sistema de freios e

contrapesos que controlaria o poder de Orbán.

As instituições conservadoras financiadas pelo governo costumam convidar pesquisadores de outros países para passar um tempo na Hungria. Alguns ficam por longos períodos, estudando, e outros por apenas uma ou duas semanas, em seminários ou conferências.

Em contraponto ao que a imprensa ocidental reporta sobre o país, eles são apresentados à narrativa do governo sobre o que aconteceu desde que Orbán assumiu pela segunda vez como primeiro-ministro (em 1998, ele já havia ocupado o cargo, por apenas um mandato). O esforço frequentemente dá resultado: esses pesquisadores escrevem uma série de artigos que retratam Orbán de forma positiva e aumentam sua influência na esfera conservadora global.

Os seja, não foi por acaso que a Hungria virou um laboratório para a direita mundial. Foi uma estratégia de soft power muito bem-pensada pelo primeiro-ministro e que envolveu milhões de dólares.

Rodriguez diz que o objetivo ao convidar os estrangeiros é exportar as técnicas e ideias conservadoras que ganharam tração no governo Orbán. "Até testá-las. Políticas de outros países podem testar nossas ideias, nosso conhecimento, na estrutura deles".

Há ainda outro motivo para o governo investir tanto nesses institutos. Para Orbán, é importante que o pensamento de direita se espalhe pela sociedade húngara. O governo quer construir uma elite intelectual que apoie líderes conservadores a longo prazo.

Diretor da nova filial da MCC em Bruxelas, o acadêmico Frank Furci menciona o filósofo marxista Antonio Gramsci para explicar a importância desses institutos. "Você já ouviu falar sobre Gramsci?", ele me pergunta. Eu aceno positivamente com a cabeça. O marxista desenvolveu o conceito de hegemonia cultural, que propõe que instituições como a escola e a mídia têm um papel fundamental na disseminação da ideologia da classe dominante, garantindo seu controle sobre a sociedade.

"A sobrevivência a longo prazo do tipo de projeto que Orbán quer necessita de um grau de hegemonia intelectual na sociedade", diz Furci.

Um dos pesquisadores estrangeiros atraídos pelo Estado húngaro é o escritor americano Rod Dreher, conservador e cristão. Ele conta que conheceu Orbán em 2010, quando viajou para Budapeste para falar em uma conferência sobre liberdade religiosa. Ao fim do evento, enquanto os palestrantes estavam almoçando, um membro do governo teria se aproximado e dito que o primeiro-ministro gostaria de conhecê-lo. Eles foram colocados em um ônibus

e logo encontraram Orbán.

"Achei que fôssemos apertar a mão dele, tirar uma foto e tchau, mas ele sentou com a gente por uma hora e meia e respondeu todas as nossas perguntas", afirma Dreher. "Eu não conheço nenhum líder mundial que faria isso. Certamente não um presidente americano".

Após a reunião, segundo o escritor Orbán disse: "Eu espero que vocês, que são conservadores, considerem Budapeste seu lar intelectual". Dreher achou essa uma boa ideia, mas que jamais aconteceria. Naquela época, o primeiro-ministro ainda não era tão popular entre a direita americana. "Bom, está começando a acontecer", ele diz. "Eles têm colocado dinheiro nisso".

O americano avalia que o governo tem investido nos institutos porque deseja construir uma rede conservadora que permanecerá mesmo quando Orbán ou o Fidesz não estiverem no poder. "Ele sabe que não vai ser primeiro-ministro para sempre", diz. "Ele quer construir um tipo de Estado profundo que possa sobreviver a qualquer coisa".

Dreher, porém, duvida que as técnicas de Orbán possam ser facilmente exportadas. "Não tem como pegar as melhores políticas e simplesmente inseri-las na América. Mas, pelo menos, ele faz a gente pensar diferente. Faz a gente pensar em como seria um governo conservador que se importasse mais com a família que com Wall Street".

Dreher chegou em Budapeste em uma tarde fria de dezembro. Ao sair do avião, entrei em um pequeno ônibus que me levava ao terminal. Fram tch, e o sei já estava se pondo no horizonte.

Quando cheguei ao hotel, a primeira coisa que vi foi uma propaganda peculiar em uma das janelas que conectam o prédio ao aeroporto. No meio, havia uma bola laranja com pequenos bonecos desenhados em branco, dando as mãos — dois maiores e três menores.

A legenda dizia, em espanhol: "Hungria, amigos das famílias".

Para tentar contornar a baixa taxa de natalidade do país, Orbán estabeleceu políticas públicas agressivas para estimular as famílias a terem mais filhos, como ao desobrigar mães com menos de 30 anos a pagar imposto de renda. Ao mesmo tempo, deixou nítido que, para o governo, o conceito de família envolve um homem, uma mulher e seus filhos. Homossexuais não podem se casar ou adotar crianças.

A ideologia fundamental do governo Orbán é o nacionalismo cristão, sustentado na tríade Deus, nação e família. Essa também foi a base ideológica da administração Bolsonaro e o lema de autocratas do passado, como o ditador português António Salazar. Mas será que Orbán realmente acredita no que prega?

"Não, não, não, não, não", repetiu Bálint Magyar, pesquisador da Universidade Central da Europa, fundada pelo bilionário judeu George Soros e expulso do país por Orbán. Soros foi um dos inimigos esculpidos pelo primeiro-ministro, ao lado de imigrantes e liberais, para mobilizar sua base. Oponentes e críticos afirmam que a poderosa campanha contra o plântopo resvala no antissemitismo.

Magyar diz que Orbán, que está na vida política desde a queda da União Soviética e já fez parte de um grupo liberal quando jovem, nunca foi religioso ou nacionalista. "Não é porque a sua visão mudou. Tornou-se claro para ele que o liberalismo era minoria na sociedade húngara. Então, ele foi em outra direção", afirma.

Sentado em frente ao computador, o pesquisador pega um livro que escreveu e abre na página 600. Ali tem uma tabela que equipara cada um desses valores — Deus, nação e família — a um grupo estigmatizado e uma função para Orbán.

Continua na pág. C7



O primeiro-ministro Viktor Orbán durante entrevista à imprensa em Budapeste, na Hungria, em janeiro

Bernardini Sotelo/Reuters